
HIRATA, Helena. Nova divisão sexual do trabalho? Um olhar voltado para a empresa e a sociedade. São Paulo: Bontempo, 2002. (Coleção Mundo do Trabalho).

Márcio Teixeira Gonçalves¹

Formada em filosofia pela Universidade de São Paulo, Helena Hirata especializou-se em sociologia com ênfase em comparações internacionais do trabalho, sobretudo nas relações que envolvem as questões do gênero no mundo do trabalho. Atualmente é pesquisadora do Genre et Rapports Sociaux (GERS) do Centre National de la Recherche Scientifique, na França.

Nesta obra, resultado de vinte anos de pesquisas, a autora desenvolve uma série de análises que concentram algumas das questões de maior relevo da sociologia do trabalho, com destaque para a tecnologia envolvida nos processos de trabalho, a organização do trabalho e as políticas de gestão da mão-de-obra, sobretudo no âmbito intra-empresas. No entanto, a autora vai além, ao tratar de forma comparativa, envolvendo pesquisas realizadas no Brasil, na França e no Japão, as interfaces entre trabalho, classe e gênero.

Como o próprio título da obra esclarece, a preocupação central da autora é fornecer elementos, através de suas análises, para responder à questão: assiste-se hoje à emergência de *uma nova divisão sexual do trabalho*? Neste intuito, parte-se das relações entre Norte e Sul e a divisão internacional do trabalho decorrente destas relações, através das diferenças – no que se refere ao padrão tecnológico, à gestão da mão-de-obra e à organização do trabalho – identificadas entre algumas empresas que são filiais brasileiras e suas matrizes localizadas na França e no Japão.

Destas relações mais gerais, chega-se às análises mais específicas, que discutem, dentre outras questões, a imbricação direta entre produção e reprodução da força de trabalho, trabalho profissional

e trabalho doméstico, e a importância das relações familiares, pautadas em traços culturais, na eficácia produtiva engendrada pelas políticas internas à cada empresa, ou grupo de empresas. Como salienta a autora, “... *uma teoria das relações sociais que leve em consideração a historicidade dessas relações e seu caráter sexuado é hoje indispensável para se pensar as próprias condições de sucesso de uma organização industrial.*” (p. 18).

Quanto à base metodológica para o desenvolvimento deste trabalho, a própria autora admite sua inserção na tradição francesa da sociologia do trabalho, que envolve:

- A tradição problemática da crítica do determinismo tecnológico;
- A tradição de uma sociologia da organização e da empresa;
- A tradição da importância dada ao trabalho de campo, às pesquisas empíricas nos locais de trabalho.

Com uma linguagem de fácil compreensão, apesar dos termos específicos que envolvem a sociologia do trabalho, a obra contém 13 capítulos que estão agrupados em três partes principais. Por tratar-se de um conjunto de textos cuja seleção levou em conta tanto o fato de serem inéditos em língua portuguesa, como por serem os mais representativos do conjunto das pesquisas, alguns foram elaborados com a contribuição de co-autores, sendo eles: John Humphrey, Danièle Kergoat, Chantal Rogerat, Kurumi Sugita e Philippe Zarifian.

Uma observação mais atenta sobre a estruturação geral das idéias contidas na obra, revela sua tentativa em analisar o trabalho e a divisão sexual que o envolve, considerando as imbricações exis-

¹ * Mestrando do Curso de Pós-Graduação em Geografia pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista (Júlio de Mesquita Filho). Rua Roberto Simonsen, 305. CEP 19060-900, Presidente Prudente, SP. Italteixeira@hotmail.com

tentes entre as teorias relacionadas aos processos de trabalho, as teorias sobre os mercados de trabalho e aquelas que envolvem o gênero. Partindo desta perspectiva, a autora contribui para ampliar o leque de discussões acerca da problemática da divisão sexual do trabalho, ao confirmar que os movimentos complexos da mão-de-obra feminina vão além das ligações exclusivas à conjuntura do mercado de trabalho, às mudanças no processo e na organização do trabalho, ou à subjetividade das trabalhadoras.

Para a autora, um enfoque centrado no ponto de vista das relações de gênero mostra que o problema do emprego está longe de se esgotar na consideração do mercado de trabalho, sendo necessária a inserção da dimensão sexuada em tais discussões a fim de aprofundar o binômio trabalho assalariado formal/ remunerado e informal/doméstico.

Assim, ao tratar das questões que envolvem os estereótipos sexuados, constatou-se que as identidades sexuais e suas respectivas representações sociais – da virilidade/feminilidade, por exemplo – são amplamente utilizados nas políticas de gestão da mão-de-obra no meio industrial. Constatou-se ainda, a existência de uma certa assimetria entre o emprego/desemprego e o trabalho masculino e feminino. Estas análises compõem o arcabouço das questões levantadas, e analisadas brilhantemente pela autora e seus co-autores, sob o enfoque que relaciona o processo de trabalho e a subjetividade envolvida neste processo.

De forma resumida, podemos dizer que a primeira parte da obra traz um enfoque do sistema taylorista e das novas formas alternativas de organização do trabalho, através dos resultados das pesquisas empíricas de comparação entre os países citados anteriormente (Brasil, Japão e França), realizadas pela autora. Sobre este último aspecto, vale ressaltar que os estudos de caso centram-se em vários ramos industriais, como o eletrônico, o do vidro, o têxtil e o agroalimentício. É nos capítulos que compõem esta primeira parte da obra, que Helena Hirata demonstra as várias faces que assume a organização do trabalho sob o taylorismo, de acordo com o que ela chama de *cultura nacional*, em cada país considerado, comprovando que o processo de trabalho adotado (produção em série ou não) não constitui o elemento determinante.

Também, o fato de que a produtividade do trabalho está relacionada diretamente às soluções desenvolvidas, à tal finalidade, em cada país, é abordado pela autora. A partir da comparação entre os paradigmas tecnológicos, da organização do trabalho e das políticas de mão-de-obra entre os vários ramos analisados, à luz de comparações entre empresas envolvidas na divisão internacional do trabalho (o que ela considera como relação Norte-Sul), chega-se à indicação de que a *morte do taylorismo* pode ser questionada, se considera as características produtivas em cada ramo industrial distinto.

Quanto à divisão sexual do trabalho propriamente dita, nesta primeira parte a autora a explicita de forma nítida, à medida em que reconhece, através de seus estudos de caso, que o trabalho mais elaborado, o qual exigia um maior grau em conhecimentos técnicos (ou, o trabalho “nobre), era atribuído principalmente aos homens, enquanto que o trabalho manual e repetitivo (ou, “menos nobre) era predominantemente atribuído às mulheres.

Trata-se, nos dizeres da autora, de pensar a dimensão cultural na gestão da empresa, tendo em vista avaliar os respectivos pesos da tecnologia, da cultura e dos fatores de ordem institucional e histórica nas diferenças encontradas na configuração das empresas em nível nacional.

As articulações que se constroem entre as relações familiares e a produção industrial capitalista de mercadorias, isto é, entre a família e a empresa, figuram entre as principais preocupações da autora na segunda parte da obra. Aqui, cabe destacar o quão eficazes se revelam as relações de gênero mantidas no seio familiar, quer seja da mulher no papel de filha, quer seja enquanto esposa, portanto, do trabalho doméstico, para legitimar sua submissão e docilidade frente às políticas de gestão da mão-de-obra intra-empresa e, em última instância, à organização capitalista da produção.

Com vários exemplos extraídos da cultura japonesa, Hirata consegue unir as dimensões que envolvem a mulher enquanto gênero, o trabalho reprodutivo, e o trabalho na produção industrial, trazendo à tona, inclusive algumas das maneiras encontradas entre a mulheres orientais para se adequarem às exigências tanto do trabalho produtivo como do reprodutivo.

Em relação ao modelo familiar para a eficácia produtiva, discute-se questões acerca do paternalismo empresarial que permeia as políticas de gestão das grandes empresas japonesas, sendo que, em relação ao salário, tais relações paternalistas podem apresentar configurações diferenciadas e fundamentos opostos conforme a mão-de-obra considerada for feminina ou masculina. Quanto ao emprego/desemprego feminino, pode-se destacar a importância dada à consideração das trajetórias sociais e familiares das trabalhadoras, quando a discussão gira em torno dos mecanismos do mercado de trabalho. A autora, analisa de forma crítica a teoria do exército industrial de reserva e a teoria do mercado dual, por subestimarem a complexidade dos efeitos das conjunturas econômicas sobre o emprego feminino, já que este vincula-se diretamente às relações de gênero na esfera doméstica e familiar.

À terceira parte, foram atribuídas as análises especificamente sobre a questão do gênero, entendido pela autora como uma construção social, cultural e histórica das categorias feminino e masculino. É nesta parte que Hirata sintetiza suas opções teóricas e metodológicas acerca da divisão sexual do trabalho e das relações de sexo e gênero, pensadas no contexto social. Também, é nesta parte que a autora chega à algumas conclusões, ligadas diretamente à discussão travada nas duas partes anteriores.

Uma delas é a de que as características do trabalho feminino nas indústrias, ao longo das duas últimas décadas, praticamente não sofreram mudanças significativas. Uma outra, refere-se à ruptura, identificada por Hirata, no plano epistemológico e conceitual em relação à divisão sexual

do trabalho, no qual passa-se da análise do trabalho feminino, para as relações entre trabalho feminino e masculino (relações de gênero), e passa-se da consideração do trabalho profissional para a análise da articulação entre trabalho profissional e trabalho doméstico.

Fechando esta terceira parte, a autora discute duas das principais teorias acerca da divisão sexual do trabalho: como *vínculo social* e como *relação social*, a partir de uma perspectiva histórica. Na verdade, tais análises consubstanciam-se na hipótese de que o tempo das mudanças na divisão sexual do trabalho não é o mesmo envolvido nas relações sociais de gênero, já que estas últimas não possuem, nas mudanças em função dos movimentos sociais, seu principal mecanismo evolutivo.

Diante das considerações expostas até o presente, observamos que as questões levantadas por este trabalho vai além do interesse exclusivo dos que lidam com a sociologia do trabalho, importando também à todos que se envolvem, direto ou indiretamente, com a problemática social, entre os quais, os pesquisadores em Geografia.

Finalmente, consideramos esta obra uma contribuição brilhante de Helena Hirata, por introduzir nas discussões acerca da organização do trabalho, novos enfoques em relação à divisão sexual do trabalho, ao considerar, por exemplo, a dimensão social que permeia a problemática do gênero, considerando-o como produto direto da cultura onde estão inseridas as mulheres trabalhadoras.